



## PREVALÊNCIA DA ACUIDADE VISUAL REDUZIDA EM CRIANÇAS MATRICULADAS NA REDE DE ENSINO PÚBLICO DE CRUZ ALTA – RS.

FREIBERGER, Caroline<sup>1</sup>; LINCK, Isaura Luiza Donati<sup>1</sup>; BAIOTTO, Cléia Rosani<sup>2</sup>

**Palavras- chave:** Acuidade Visual; Perfil; Escolares; Aprendizagem.

### Introdução

Distúrbios oftalmológicos atingem uma parcela importante da população, em variadas faixas etárias, entre elas as crianças. Cerca de 20% de infantes em idade escolar apresentam alguma perturbação visual (LOPES 2002). As dificuldades visuais colocam restrições ao desenvolvimento biopsicossocial da criança no ambiente escolar, interfere no seu aprimoramento, conhecimento, e na inclusão entre os colegas e no convívio com a sociedade (BRASIL 2004).

Os distúrbios oftalmológicos formam uma importante causa de limitação nas crianças em idade escolar, tendo em vista o processo de ensino-aprendizagem. As causas mais comuns de acuidade visual diminuída em escolares são os erros de refração (hipermetropia, astigmatismo e miopia) e estrabismo.

Dados mostram que cerca de 90% das dificuldades oftalmológicas podem ser evitados ou atenuados com a prevenção, detecção precoce e assistência curativa (BRASIL, 2000). Além disso, os gastos com a detecção da baixa acuidade visual e a prevenção de problemas oftalmológicos são menores do que aqueles custos dispendiosos em função do atendimento a portadores de distúrbios oculares e favorecem o rendimento integral da criança na escola (LOPES 2003).

Alves (2000) considera ser oneroso e difícil de realizar a investigação oftalmológica em escolares, por oftalmologistas. Sendo assim a triagem por outras pessoas treinadas em aglutinados de escolas é de suma importância. Diante desse quadro, o presente projeto teve por objetivo avaliar todos os escolares matriculados no Ensino Fundamental da Rede Municipal de Cruz Alta/RS e estabelecer a prevalência da acuidade visual reduzida entre estes escolares.

---

<sup>1</sup> Acadêmicas - Cursos de Enfermagem e Agronomia – UNICRUZ

<sup>2</sup> Professora UNICRUZ - [cleia@comnet.com.br](mailto:cleia@comnet.com.br)



## Material e Métodos

Acadêmicos de diferentes cursos do Centro de Ciências da Saúde trabalharam como voluntários no projeto e precisaram passar por uma capacitação com profissionais optometristas para poder realizar a avaliação da acuidade visual nos escolares da Rede Municipal de Cruz Alta.

O contato com a direção e supervisão das escolas foi realizado pelos acadêmicos e professores responsáveis pelo projeto. A escola se responsabilizou pelo contato com os pais e o encaminhamento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que explica o projeto e concede a autorização para a criança participar da triagem. Constituíram a amostra todos os alunos presentes na escola nos dias da avaliação e que entregaram o termo do consentimento livre e esclarecido (TCLE) assinado pelo pai ou responsável. O projeto foi previamente encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa e aprovado sob o número 0042.0.417.000-10.

Um questionário padronizado, previamente validado, com identificação da escola, do escolar, do entrevistador identifica as seguintes variáveis: sexo e idade (em anos); percepção do aluno quanto à própria visão; uso de óculos ou lentes de contato e sintomas como fadiga visual, cefaleia, dor na região dos supercílios, testa franzida, tonturas, enjoos, olhos vermelhos frequentemente, lacrimejamento, piscar contínuo dos olhos e inclinação da cabeça para visualizar o quadro.

Após a realização do questionário, o teste de acuidade visual “Escala de Snellen” foi aplicado pelos acadêmicos que registram o valor equivalente à última linha lida sem dificuldade. As crianças portadoras de óculos foram testadas com e sem correção. Os alunos com acuidade visual igual ou menor do que 0,7 (20/30) em pelo menos um dos olhos, com ou sem sinais e sintomas; alunos com diferença de visão entre os olhos, de duas ou mais linhas da escala optométrica de Snellen (ex. OD=0,5 e OE=0,3 ou OD=0,9 e OE=0,7); alunos portadores de estrabismo; alunos que, apesar de visão normal em cada olho, apresentaram alguma das características citadas no questionário foram identificados e encaminhados ao optometrista para uma nova avaliação.

Os resultados avaliados e os alunos identificados com alterações na acuidade visual foram encaminhados à consulta especializada. Nos casos em que houve a necessidade de correção por meio de óculos, através do Rotary Clube de Cruz Alta, eles foram confeccionados. A equipe do projeto retornou à escola para realizar a entrega dos mesmos, bem como, prestou esclarecimentos sobre o uso dos óculos e os cuidados que devem ser tomados com eles para sua conservação.



## Resultados e Discussão

No presente estudo foram avaliados 2.067 alunos matriculados em 22 (vinte e duas) Escolas da Rede Municipal de Ensino, do pré ao nono ano. Os critérios estabelecidos na primeira triagem da acuidade visual identificaram 339 (16%) alunos com necessidade de uma avaliação mais especializada. Destes, 61 não compareceu a consulta com o optmetrista.

Das consultas realizadas, observou-se a necessidade de uso de óculos para a correção da acuidade visual em 204 (73,38%) escolares, o que corresponde a 9,87% do total de alunos avaliados.

Granzoto e colaboradores (2002) encontraram resultados similares (10,0%) ao avaliarem alunos do 1º ano do ensino fundamental, assim como Figueiredo et al (2003) 11,9% e De Fendi (2008) 8,8% que avaliaram alunos das demais séries, corroborando com os dados encontrados no projeto. Júnior e colaboradores (2007) observaram em seus estudos que em torno de 15% das crianças da primeira série escolar têm alguma alteração visual e somente 20% delas faz acompanhamento assistencial de saúde.

Separados por série, observa-se que os escolares que necessitaram de óculos para a correção da acuidade visual, 2% eram alunos da pré-escola, 11% do primeiro ano do ensino fundamental, 8% do segundo ano, 17% do terceiro ano, 16% no quarto ano, 15% no quinto ano, 10% no sexto ano, 6% no sétimo ano, 7% no oitavo ano, 11% no nono ano de ensino. Também foram avaliadas crianças de escolas municipais de ensino especial como o professor pardal, que obteve o índice de 2% dos alunos que necessitavam de óculos e o EJA com 1% dos alunos.

Cabe salientar, que este projeto de pesquisa desencadeou a assinatura de um convênio com o Rotary Clube de Cruz Alta e Secretarias de Saúde e Educação do Município. Assim, todas as crianças com acuidade visual reduzida foram contempladas com os óculos doados pelo Rotary Club de Cruz Alta e as que necessitaram de consulta especializada foram encaminhadas a Secretaria da Saúde.

O presente estudo evidenciou resultados mais elevados de acuidade visual reduzida em turmas de terceiro, quarto e quinto ano do ensino fundamental. Dados preocupantes, visto que 46% dos escolares contemplados com óculos se encontram no 5º ao 9º ano do ensino fundamental e que, em sua maioria ainda não tinham identificado problemas na acuidade visual.



## Conclusão

A acuidade visual reduzida interfere de modo significativo no processo de aprendizagem e no desenvolvimento psicossocial da criança. Estas sequelas podem ser atenuadas ou reduzidas quando detectadas precocemente. Estabelecer a prevalência da acuidade visual reduzida possibilita a elaboração de estratégias e programas de prevenção relacionados a dificuldades de aprendizagem.

Os resultados identificados possibilitaram conhecer a realidade da acuidade visual em escolares do nosso município e, através da parceria estabelecida com a Secretaria de Educação do Município, Universidade e Rotary Clube foi possível propiciar uma forma de correção e/ou redução do problema visual.

## Referências:

ALVES, MR; KARA-JOSÉ, N. **Manual de orientação ao professor. Campanha Nacional de Reabilitação Visual.** CBO, MECE, FNDE. São Paulo; 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. **Saberes e práticas da inclusão: dificuldades de comunicação e sinalização. Deficiência visual.** Educação Infantil vol. 08. Brasília: MEC/SEESP; 2004.

DE FENDI, Lígia Issa et al. **Qualidade da avaliação da acuidade visual realizada pelos professores do programa “Olho no olho” da cidade de Marília, SP.** Arq. Bras. Oftalmol. vol.71 no.4 São Paulo July/Aug. 2008.

FIGUEIREDO, RM; SANTOS, EC DOS; JESUS, IA; CASTILHO, RM; SANTOS, EV. Proposição de procedimento de detecção sistemática de perturbações oftalmológicas em escolares. Rev Saude Publica 1993;27(3):204-9.

GRANZOTO, José Aparecido. et al. **Avaliação da acuidade visual em escolares da 1ª série do ensino fundamental.** Arq. Bras. Oftalmol. vol.66, n.2, 2003.

JÚNIOR, Abelardo de Souza Couto. et al. **Prevalência das ametropias e oftalmopatias em crianças pré-escolares e escolares em favelas do Alto da Boa Vista, Rio de Janeiro, Brasil** ; Rev Bras Oftalmol. 2007; 66 (5): 304-8

LOPES, C.L.R.; BARBOSA, M.A.; MARQUES, E.S.; LINO, A.I.A.; MORAIS, N.H.F. **O trabalho da enfermagem na detecção de problemas visuais em crianças/adolescentes.** Revista Eletrônica de Enfermagem, v. 5 n. 2 p. 55 – 59, 2003.

LOPES, GJA; CASELLA, AMB, CHUI, CA. **Prevalência de acuidade visual reduzida nos alunos da primeira série do ensino fundamental das redes pública estadual e privada de Londrina-PR, no ano de 2000.** Arq Bras Oftalmol. 2002; 65:659-64.